

As dissimuladas mudanças

a descoberto

15 MAI 1987

JORNAL DO BRASIL

Que pag !!
Villas — Bôas Corrêa

Há menos de uma semana, em pleno vôo entre Brasília e Belo Horizonte, com olhos pregados na visão panorâmica da bela e estrangulada capital do seu Estado, o deputado Raul Belém suspirava o queixume da inutilidade de todo o desesperado esforço que ele e os parlamentares vinham empreendendo, desde a manhã até a madrugada, varando fins de semana, feriados, para a montagem da Constituição das esperanças do amanhã:



— Ninguém está prestando atenção à Constituição — desabafou o deputado do Triângulo, no exercício da presidência da tumultuada seção estadual do PMDB.

Desfiou o seu rosário de lamúrias:

— Atendo a mais de 50 telefonemas por dia, de eleitores do interior. Falo com centenas de pessoas. Todos estão preocupados com a crise econômica e com a confusão política. Pela Constituinte, não há quem se interesse. A crise liquidou com a Constituinte.

Ora, se um parlamentar com a sensibilidade do jovem deputado mineiro tropeça em tão fundo equívoco, parece natural que a opinião pública, desinformada pela cobertura deficiente da imprensa, ainda não se tenha apercebido da importância renovadora, profundamente revolucionária, do que está ocorrendo por entre os vidros do Congresso metido no buraco da Praça dos Três Poderes.

É verdade que já agora a visão pessimista e desfocada configuraria um erro indesculpável de avaliação. Pois o que estava embocado, disperso pelas salas e salões dos espaços quilométricos do Congresso, explodiu com o impacto estimulante de uma surpresa. O perfil da futura Constituição, rabiscado nos pareceres dos relatores das 24 subcomissões, desvenda a tendência da Constituinte, firmada em maioria que vai ficando consistente, negociada numa relação direta com as pontas mobilizadas da sociedade.

As suspeitosas tolices que anteviam uma Constituinte conservadora, pilotada por *lobbies*, patrulhada pelas milícias radicais ou empalmada por minorias desvaídas da militância esquerdista, são hoje fantasmas de ontem, desmoralizados pelas evidências.

A Constituinte vai, cada vez mais, ganhando o colorido popular. Esta é a sua marca identificadora e a sua novidade. Estimulada pelo modelo para a elaboração do texto constitucional adotado nas espertezas do Regimento Interno, a transitar dissimulado por entre a palermice das equipes conservadoras.

Daqui por diante, a onda vai encrespar, inevitavel-

mente. Pois a cada uma das etapas subseqüentes da montagem da Constituição, mais e mais se convoca a sociedade a uma participação crescente de espaços generosos. Das 24 subcomissões, salta-se para o estágio intermediário das oito comissões temáticas. Já então, para o debate de textos que serão aprovados, emendados, rejeitados. E, adiante, a fase de arrumação do anteprojeto pela Comissão de Sistematização e, afinal, as três sucessivas levas de debates apaixonantes e decisivos pelo plenário.

Mas, antes mesmo da primeira votação, estabelecendo os textos preliminares para a negociação, algumas antecipações impõem alterações fundamentais, virando o país de pernas para o ar. Lá é verdade que andamos às cambalhotas há algum tempo.

Na subcomissão do Poder Executivo, o parecer pampireiro do senador José Fogaça é um abridor de caminhos com uma poderosa carga didática. O nosso deslumbrado compositor popular revelou uma insuspeitada habilidade ao montar uma proposta de regime. Sopitando a ânsia de exibir-se como um pensador original, dono de uma receita salvadora para a crise centenária da nossa experiência republicana, optou por condensar as tendências majoritárias não da Subcomissão, mas da Constituinte, apurada em consultas de sua iniciativa.

O que vai acontecer exatamente com a proposta Fogaça, nem ele nem o Dr Ulysses Guimarães são capazes de adivinhar. Mas, se a lógica mantém algum compromisso com a Constituinte, lá vamos de velas enfunadas para dois portos de ancoradouro seguro: o parlamentarismo, com adaptações malandras às nossas peculiaridades e interesses e eleições presidenciais diretas no ano que vem.

Muito bem. A antecipação das duas preliminares fundamentais, num parecer que escapuliu da tentação do palpite para ousar exprimir a inclinação da maioria, anula todas as especulações sucessórias, obriga à revisão de todos os esquemas de candidaturas, transforma em pesadelo o sonho dos muitos presidenciais.

Basta que nos próximos trancos, o parlamentarismo se consolide como uma inclinação irreversível (com o perdão do leitor pelo adjetivo gasto pelo mau uso revolucionário), para que a crise política se transfira do Governo para a sucessão, para os partidos, para o Congresso.

Tudo isso está acontecendo numa Constituinte que funciona a céu aberto e escondida do respeitável público, tão desrespeitado no seu direito de ser bem informado. Por uma Constituinte que terá os seus defeitos e exageros mas que está aí mesmo, arrebentando esquemas, desativando armações, desmentindo prevenções e disparando, solta, num galope aloucado, liberta dos freios de lideranças que ficaram pelo caminho e do bridão de partidos que estão perdendo o compasso de tempos apressados.